

O ENSINO DE LEITURA E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR LEITOR

Maria de Fátima ALMEIDA – UFPB – falmed@uol.com.br

Janielly Santos de VASCONCELOS- UFPB – janiellygirl@hotmail.com

Nos contextos que problematizam e contemplam o papel da leitura no âmbito educacional e nas discussões sobre a formação do leitor, faz-se necessário compreender a leitura como forma de capacitação do sujeito para as experiências que perpassem o ambiente escolar, remetendo-o a uma leitura crítica do mundo em que vive, envolvendo as relações entre texto, leitor e professor, sendo o último o mediador e peça chave no processo de formação desse leitor. O embasamento teórico consta teorias sobre os recentes estudos da linguagem de Bakhtin (1992) e o Círculo e das propostas de Coelho (1984), Cosson (2006) e Zilberman (1995) que refletem sobre o processo de formação do leitor, formação de professor e a importância da leitura no contexto educacional. Objetivamos discutir possibilidades e abordagens de ensino e aprendizagem pautadas na leitura de gêneros discursivos que corroboram em leituras reflexivas e conseqüentemente na formação de um leitor crítico. Refletiremos também como o processo metodológico de leitura abordado em sala de aula, comumente corroboram em práticas mecanicistas de leitura que são dissociados do contexto escolar. As experiências dos estágios curriculares, e de projetos de pesquisa na Universidade Federal da Paraíba revelam que é preciso entender a academia como o lugar da formação docente e o principal espaço de fomento e de incentivo para a educação crítica e reflexiva. É necessário incluir ainda os conteúdos, vivências e formações didáticas que refletirão nas práticas docentes dos que atuarão nas escolas. Torna-se imprescindível tal reflexão ser incluída no desenvolvimento dos estágios como forma de melhorar a capacidade técnica e crítica dos futuros docentes, bem como o meio da realização dos conteúdos teóricos sugeridos na prática escolar. É urgente considerar que a academia é não só o lugar de construir conhecimentos, mas também o de propor construções e transformações que a sociedade exige.

Palavras-chaves: Leitura, formação docente e relações dialógicas.

INTRODUÇÃO

Encontramos nos estágios no que concerne à importância e a relevância da prática nas licenciaturas acadêmicas uma importante etapa e, pode-se dizer assim fundamental, constituinte do caráter educacional nos futuros docentes, o que é bem afirmado como uma exigência nos cursos de licenciatura na LDB. Observamos então os estágios como elementos cruciais e formadores de prática nas licenciaturas. Cabe o título de importância, visto que estagio é a fase de “prova”. Decide-se a partir deles a continuidade do curso ou desistência. Percebe-se a necessidade de formar um professor que quebre conceitos taxados; um professor que não herde as características que vemos hoje, um professor que nade contra a correnteza,

um professor comum, como bem afirma Antunes (2003) “que parece estar acostumado a esperar que lhe digam o que fazer.”

É preciso entender que a academia, lugar da formação docente é de onde deve surgir e ser cultivada a educação crítica e reflexiva, acerca dos conteúdos, vivências, formação didática e prática educacional. Sendo assim importante e imprescindível a fase de estágios como formas influenciadoras da capacidade técnica e crítica dos docentes bem como a realização dos conteúdos na prática. Isso posto percebe-se a necessidade da formação acadêmica suscitar ideais de transformações de que se revelem na futura prática docente e em suas metodologias, para que a aprendizagem seja um processo recíproco “uma via de mão dupla”.

Não coube aqui dizer que a academia é o lugar de utopias, ao contrário, é o lugar de vivência de uma realidade que vai contra tudo aquilo que entendemos por ideais educacionais, é o lugar de propor construções e transformações. Cabe agora por nossa experiência como futuros professores, alguns apontamentos importantes: não podemos antes de qualquer reflexão deixar de citar que o nosso maior desejo é que tudo o que estudamos nos anos iniciais de nossas licenciaturas, seja realizado na prática, ou seja, nos estágios supervisionados. Apesar de entendermos todas as problemáticas que envolvem a educação, percebemos a importância do ato de ensinar Língua e Literatura em sua totalidade.

Acreditamos que ao ingressar nos nossos cursos, sairemos prontos para exercer o ensino, e que teremos capacidade suficiente para criticar e refletir acerca de nossa prática, o que cabe aqui, com esses apontamentos a confirmação do nosso maior desejo, “a teoria na prática”.

Continuamos com a afirmação de que dada a importância desses estágios não cabe a nós apenas o senso crítico de apontar alguns pontos negativos, mas também cabe refletir sobre a importância e expressar nosso desejo de transformação. O ensino de Literatura em conjunto com o ensino de Língua é imprescindível, uma vez que a mesma é fundamental na formação de um leitor, escritor, entendedor e falante da língua. A compreensão da língua capacita o sujeito para uma leitura e vivência que perpassam o ambiente escolar, e remete a uma leitura crítica do mundo em que vive.

Ensinar literatura, ou mais precisamente, ensinar práticas de leitura nesse contexto da educação, deve ser uma atividade capaz de provocar a vontade de “saber com sabor” nos alunos de uma maneira geral, oferecendo a eles a possibilidade de manter contato com o universo de realização e beleza, em fases tão importantes de sua vida; onde cada aluno possa

descobrir também a possibilidade de se desvendar, de se reconhecer, e de se encontrar em sua própria Língua.

A leitura aplicada ao nosso viés, o literário, permite ao aluno emancipação e construção contínua do conhecimento reflexivo em todos os seus meios de convivência, mostrando que a língua portuguesa não é formada apenas pela gramática; denotando assim a leitura literária, o título de importância e reconhecimento diante de contextos escolares excludentes e meramente objetivos.

Refletiremos sobre a importância do ato de ensinar com prazer, aprender sem traumas e do diálogo entre professor, texto e aluno, permitido pela leitura literária.

METODOLOGIA

A metodologia propõe caminhos para realização de nossos planejamentos de aula no campo do estágio. O processo de construção deste trabalho resultou das observações dos estágios supervisionados e tem metodologias exploratórias no que diz respeito às etapas no contexto ensino-aprendizagem em que objetivamos realizar atividades de intervenção que instigassem os alunos ao prazer da leitura do texto literário, bem como exercícios interpretativos de caráter crítico-reflexivo.

De abordagem metodológica direta, o processo de intervenção iniciou-se através de entrevistas semi-estruturadas e questionários; e portanto se concluirá através do exercício das aulas aplicadas. O trabalho é construído sobre pontos bibliográficos e de observação.

REFLEXÕES TEÓRICAS

Nos estágios vivenciamos e discutimos, acima de qualquer determinação, sobre o direito à educação que todo cidadão possui inerentemente. Trazemos em questão a importância da educação vista na LDB 93/94, em seu Título I. Art. 1º, em que concebe

“ A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.)

É de fundamental importância a autonomia que os estágios propiciam aos discentes que o exercem; autonomia de realização de atividades, de elencar referenciais teóricos que são pontos norteadores para criação de reflexões e pensamentos que fundamentem e influenciem ainda mais a prática desses discentes em sala de aula, bem como o “treino” e preparação para esse o futuro que o aguarda.

No processo de observação de uma aula de língua portuguesa do ensino fundamental, percebemos a existência de certa resistência à leitura e ao ensino de Literatura. Observamos que isso se dá, sobretudo, porque tal hábito não foi devidamente bem disseminado/motivado durante o seu 1º ciclo de aprendizado fundamental. No entanto, ainda é possível suscitar o gosto pela leitura e o trabalho do professor em sala de aula com o texto literário.

É preciso instigar os alunos a formularem uma postura crítica sobre o que eles leram e aprenderam. Uma grande tarefa dos professores é ensiná-los a expressar seu ponto de vista; o professor também deve ser leitor, deve possuir um vasto conhecimento literário para apresentar aos seus alunos e domínio no que diz respeito à interpretação e indicação de obras. Portanto, a abordagem adotada pelo professor deve colocar o pensamento em movimento, dispor de subsídios que possibilitem a elaboração do pensamento crítico por parte do aluno, o que lhes capacitará a interagir.

Para que o processo de ensino aprendizagem de Língua Portuguesa se concretize é necessário que professor e aluno, ou seja, ambos os sujeitos envolvidos neste processo, assumam posições ideológicas e de responsabilidade na construção do conhecimento. O ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa embasados na interação implicam primeiramente, no ato de entender a língua situando o seu uso concretamente nas interações, resultando em enunciados que se adequam a diversos contextos sociais através das enunciações. A saber, que outra forma de uso é entender a língua sob suas características estruturais.

Sobre a definição do diálogo é preciso compreender que definir linguagem como interação requer necessariamente a observação de que a verdadeira substância da língua não reside num sistema único e objetivo nem é recuperada pelo individualismo, fundamenta-se a enunciação como “o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” Bakhtin/Volochínov (1981 p.112), é um fenômeno social, portanto fora do contexto sócio-ideológico ela não existe. Apoiada no diálogo, a prática da atividade linguística deve fazer com que os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, assumam papéis de locutor/interlocutor.

Hoje o que se observa em sala de aula é o papel marcado do aluno e do professor e o diálogo em igualdade não acontece entre o professor e o aluno, em que o segundo aprende se puder, esquecendo que a sala de aula é um contexto social propício para as trocas entre sujeitos (eu/tu). Assim, o entendimento do dialogismo relacionado à interação entre os sujeitos escolares é o próprio princípio constitutivo do social e da vida.

Como teórico base, e sendo ele, mais enfatizado nos estágios supervisionados que visam a questão literária, e da língua portuguesa em seu total aproveitamento, abordamos ideários de Rildo Cosson (2006, p. 120) em que este afirma que

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando os protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos.

A literatura vista desse modo adquire características que condizem com o que propomos observar nos estágios acerca das práticas de leitura literária tornando-se, portanto, esta leitura como sendo resultado da experiência entre o real e a memória, interpretando e gerando reflexões entre o real e o imaginário produzidos pelo texto literário. O processo de observação justifica-se, na medida em que observamos que é preciso ensinar Literatura em todos os seus domínios de uma forma prazerosa e instigante, o professor deve reconhecer-se como mediador e fundamentador do ato de ler em seus alunos, e estes por sua vez precisam cultivar novos hábitos de leitura, ou melhor, novas formas de ler, sendo a cada leitura um formulador de ideias e de críticas reflexivas.

Assim sendo temos no estágio a busca por respostas para questões sobre o que acontece realmente nas práticas de leitura na escola, e até que ponto a leitura é tida como atividade prazerosa, que satisfaz o leitor enquanto viajante de um mundo ligado à sua realidade, através do texto literário. Refletindo sobre o ensino de Língua Portuguesa, mais precisamente, enfatizando a questão da leitura literária, afirma Silva (2010, p. 2) que esta “Promove a educação do leitor [...] no sentido de incentivá-lo a uma leitura mais ativa e competente.”

Letramento literário como conceito suscita no aluno o caráter crítico reflexivo, e de investigador de sua própria língua. É necessário antes de tudo, pensar nas relações de quem ensina e de quem recebe o conteúdo, mais ainda é preciso perceber a importância de ensinar pensando juntos: obra e leitor, privilegiando o aluno como sendo o mais carente dessa união e posteriores transformações embasadas no contexto de leitura e literatura.

Em conjunto com ideais pedagógicos e literários, corroboramos com Nelly Novaes Coelho (1984), que defende e aprecia o ensino de literatura e acredita na leitura literária como ponto culminante na formação de leitores verdadeiramente humanos e críticos, efetivando essas práticas de leitura desde cedo visto que “o impulso para ler, para observar e compreender o espaço em que vive e os seres e as coisas com que convive, é condição básica do ser humano.” Coelho (1984, p. 4).

Acreditamos, de acordo com ideais suscitados nos estágios supervisionados, que os professores são antes de tudo formadores em formação. E vemos pelos diagnósticos obtidos que inúmeros são os motivos que levam determinados educadores a enfatizar a ação de leitura, sem denotar devido sentido e prazer a essa atividade.

O cultivo da leitura em sala de aula, advém dos professores, Orlandi (1995, p. 67) expõe que “a relação de interação (leitor/texto/autor) estabelecida na escola, tem como mediador o professor” e como estes são responsáveis pelas ideias acerca da natureza interdisciplinar da leitura no contexto escolar, é de fundamental importância perceber e entender que ler não é apenas e meramente uma atividade decodificadora e parte do processo de alfabetização e posteriormente de leituras literárias presas aos cânones e a historicidade literária. A leitura também é um exercício de realização é preciso admitir que a ela “repercute no comportamento do professor e, portanto, no espaço por onde começa a trajetória do indivíduo na situação de leitor: a sala de aula.” (ZILBERMAN, 1995, P. 85).
Complementando acerca da refletividade, dos textos literários

O exercício dessa função [...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua consequente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor (ZILBERMAN, 1991, p.16).

Infelizmente, os dados observados, apontam para uma escola que prende-se a metodologias mecânicas, que ensinam através da leitura o código linguístico, que o aluno não esquece, mas que por conseguinte, não passa a exercer a leitura como atividade espontânea e prazerosa, criando uma visão de leitura sob imposição, ainda que seja ofertada de forma facultativa. Ler por obrigação, é a triste realidade que muitos alunos trazem consigo quando questionados sobre a frequência de leitura que praticam.

OS RELATOS DE EXPERIÊNCIAS: CONCLUSÕES

A postura que assumimos em relação ao estágio é compreendê-lo como um dos componentes curriculares dos cursos de formação de educadores, como um campo de conhecimento próprio e um método investigativo que envolve reflexão e a interação na vida das escolas, dos professores, dos alunos e da sociedade na qual estão inseridos. (PIMENTA, 2004, p. 45).

O Estágio Supervisionado é a exteriorização do aprendizado acadêmico fora dos limites da universidade. É o espaço onde o discente irá desenvolver seus conhecimentos, correlacionando a teoria e a prática, contribuindo para uma análise de pontos fortes e fracos das organizações e propondo melhorias para as instituições públicas e privadas com relação a educação. O espaço destinado para o estágio faculta ao acadêmico a disponibilidade de assimilar o seu conhecimento teórico com os entraves que somente a prática por meio do dia-a-dia pode oferecer. Nesta configuração, a troca de experiência fez com que nos tornássemos mais preparados para atuar em diferentes áreas relacionadas da nossa formação acadêmica.

Apesar de todas as teorias que estudamos na academia que dizem respeito a como deve ser realizada uma educação verdadeira, de boa estrutura tanto ao que concerne a escola, quanto ao contexto educacional em si, os professores, vimos que a realidade é pesada e certas vezes diferentes das teorias.

Refletindo sobre a realidade que encontramos nas escolas ao longo dos estágios, sobre as práticas de ensino de Língua Portuguesa, percebemos que as atividades de leitura literária evoluem cada vez mais para um escuro metodológico, em que a ação de ler sem objetivos críticos-reflexivos é corriqueira. A literatura se torna escassa e mais fragmentada em cada etapa educacional, e estruturada sob o viés do livro didático oferta recortes de leitura que não incentivam a leitura das obras como um todo.

Em nossas atividades de intervenção as propostas de leitura eram constantes, mas que apenas eram realizadas nos dias em que estávamos em sala de aula. Não se ler por prazer, por gosto. As interações que tivemos com os professores, mostraram-nos um quadro comum e de fácil acesso nas escolas públicas com relação ao ensino de Língua Portuguesa, ensinar leitura tornou-se um ato mecânico, e o professor opta por seguir apenas o livro didático, que por sua vez não traz consigo uma carga considerável de leituras.

A formação do aluno leitor é um processo decadente e que está longe de alcançar sucesso, sem antes os educadores retomarem teorias e reflexões vistas em sua formação, ou ainda procurar respostas para suas dúvidas que crescem a cada dia e que não são respondidas na escola.

Chegamos à seguinte reflexão: a educação necessita sem sombra de dúvida de uma atenção maior dos órgãos governamentais responsáveis por elas. É preciso mudança da raiz para que a árvore tenha fruto perfeitos.

Conclui-se, ou melhor, continua-se a afirmação de que dada a importância desses estágios não cabe a nós apenas o senso crítico de apontar alguns pontos negativos, mas também cabe refletir sobre a importância e expressar nosso desejo de transformação.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre”.

Paulo Freire (A importância do ato de ler, p.29 , 1989)

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia (organizadora). **Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º Cole.** São Paulo: Mercado das Letras. 1995

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BRASIL. **Orientações curriculares nacionais para o ensino médio.** Volume 1: Linguagens Códigos e suas Tecnologias. Capítulo 2, *Conhecimentos de Literatura.* Brasília: MEC/SEB, 2006. OCEM (BRASÍLIA, 2006, p.59-60).

COSSON, Rildo. **Letramento literário. teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil.** 3.ed. São Paulo: Quíron, 1984.

FREIRE, Paulo, 1921. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)

_____. **Pedagogia da Autonomia.** 43º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Artigo § 35 e 36. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em 27/09/2013.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 1991. Apud. Disponível em http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/do-texto-ao-leitor/LITERATURA_E_LEITURA_NA_ESCOLA_DE_ENSINO_BASICO_OK.pdf

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e Docência.** São Paulo, Cortez, 2012.